

DEPOIS DA PARTIDA

Livro 63

Escritos do eu e tu

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



NÃO PENSAR EM TI

Sofri para não pensar em ti, exortei a alegria para afinar com a demora. Busco viver pouco frequentado, poucas vezes acompanhado, já que intimidade e segurança não andam juntas. Fazia tempo que eu ansiava notícias. Com a alma em desuso me precavi por não saber quem voltarias, guarnecki-me para não sair como da última vez com tão pouco que até me esqueci.



O FUNDO DO POÇO

Quando vi o fundo do poço, segurei-me na melancolia, cortando as partes gangrenadas que adulteraram minha paz interior. Quando no alto do sofrimento, não me olhastes nos olhos e voltastes o rosto para me invisibilizar. Desviastes minha identidade, fugiste da convivência, tornaste apática minha vida, fiquei desapegando-me aos poucos até não mais lembrar teu nome.

O ESPETÁCULO

O espetáculo que me mobiliza a tanta divisão duplica minha ação entre partes diferentes ensaiando fugir. Sem me dar conta, deixo rastros, muitas marcas que demarcam por onde fui, por onde andei, com tanto espaço, temerário de não ser mais encontrado, deixei mensagens difundidas, página por página, até que depois de algum tempo alguns olhos sem me oferecer resistências.



TOMO CUIDADO

Tomo o cuidado e na paciente escuta confirmo-te a gentileza, não desprezo a virtude das tuas declarações. Roubas o vago das palavras, ages de uma maneira que agrada o amor. Tranquilo fico, quando dizes a quem pertences e me proteges de todos os perigos ao indicar-me os caminhos. Tomo tua referência como uma permissão para dar-te o gozo maior, conduzo teu secreto alimento vivendo a honra reservada nestes jogos de amor. Não será pelo silêncio que atingirei as margens e os pudores, amarei até ficar escravo da boa cama.

POSSO

Posso ler teus olhos que, recém-amanhecidos, acompanham meus passos a distância, simplesmente falam a partir do silêncio. Vejo os doces pensamentos que migram até meu amor cair rendido; entretanto, sei que me sinto vivo. Usas esses olhos para olhar desta ou de outra maneira, à moda de acostumar-me, de perder-te e voltar a encontrar-te em meu próximo pensamento. Aprendi a abrigar-me por debaixo das tuas carícias e dar voltas debaixo de ti, nua, molhando nostalgias, entrando com olhos vorazes que memorizam teu gozo, para que seja depois meu alimento, que confundam minha inocência e organizem novas vontades de se encontrar, que nos renovam a pele e os sonhos para que não se equivoquem e voltem a estar presentes.

SEJA

Seja minha cúmplice, renove meus sonhos, te peço palavras vivas, que brinquem, que se movam. Abandonados os ritos e inventaremos novos amores sendo os mesmos amantes. Orientados os desejos, as ternuras e as tentações desbordadas se acalmarão. Pendura na minha vida tuas madrugadas. No teu dia, prepares teu retorno para dizer-me que o nosso amor é uma âncora mais que uma rebeldia, peça para ele seguir vivendo inteiro, não aos pedaços. Peço-te que façamos nossa historia viva.



QUERO SER TEU

Quero ser a cor dos teus sonhos, quero que me aceites como as tuas melhores lembranças, quero ser tua surpresa, tua nostalgia mais verdadeira, teu agradável interesse, teu universo importante, tua vontade e tua repetição, quero ser tua inspiração, quem te acelere o

coração, a respiração e te desfaça os pudores, quero dar sentido ao tempo, ser a cordialidade que te liberta, ser uma marca funda, tua tentação, tutor da tua prudência e autor dos teus gemidos, teu agasalho e teu hábito. Provocador e confessor, quero ser um militante da tua vida, aquele com quem encontres um lugar de paz para o amor se sustentar.



CONFINAMENTO

Derrubarei teu confinamento, te convidarei à uma parodia, passaremos a um segundo plano a renúncia para ganhar forças uma curiosidade de fazer caber dentro de nós tudo o que for autêntico. Prevalecendo a partir de então, a sinceridade terá sentido renovando inspirações.

COPIOSAMENTE

Sou o vento que fecunda teu cabelo e deslumbra teu colo nu, colho teu fogo em cada aparição. Em meio às surpresas, me domina esta fértil e deslizante ternura.



TUA NUDEZ

Confundo-te com a poesia, nos abismos do meu coração peço-te bis, és a aurora que chega com tua nudez que carregará doravante todos os meus desejos.

COMOÇÃO

Desato o que resta de apego, desisto com imenso pesar, arrasto um corpo vivido, cumpro com o enorme dever da despedida, recolho os abraços, encerro as declarações, aqui termina o esforço, a desesperação e o constrangimento. Escurecendo no final, perco parte da visão que te embeleza, deixo de assistir uma comoção que não terás, minha palavra provoca-te a indiferença, leme dos teus recuos, parto eu, vou partido, com os ossos nus, o sangue a mostra denunciando as iras reunidas, cicatrizes no ventre. Tenho choros desviados, as lágrimas inteiras dentro da alma aguardam guarida. Perdoe meu futuro se nele eu for feliz sem ti.



DEPOIS

Depois de tanto havermos amado, vivido, entregaste as queixas, nunca me deixastes saber quais. Como água de rio, fugitiva, desapareceste sucumbindo detrás da boca ausente todos os beijos, muitas as palavras, as sedes não saciadas, traímos a primavera metendo o frio insolente enquanto permanecia a semente esperando plantio.

O VENTO

Acuso-me de nunca te haver falado do meu amor, não tenho outro recurso senão invocar os rios e as florestas umedecidas para testemunhar a suprema dedicação com que me diverti entre as flores e banhei-me em suas águas, como busquei e em ti encontrei apenas beijos úteis e abraços desocupados.



O QUE NÃO MAIS ME PERTENCE

Os ventos tumultuosos e as ardentes tempestades carregam teus ciúmes, minhas saudades. Encerro os ventos dentro do meu silêncio. Suplico que te acalmes, as asas batendo descompassadas provocam tempestuosas viagens imaginárias. Tento calar a boca do vento impedindo-o de voar. O vento descontente tenta sequestrar o meu amor, dita novas leis, reúne mundos separados pela natureza, diz-me que já não seremos mais o extremo do mundo. Ao cair da noite no deserto faz frio, o vento tenta dizer-me que não me alcança disputar o que não mais me pertence.

DIANTE DA VIDA

Apelo à temperança uma nobre reserva que convenha para luzir o branco no preto e no cabelo vasto, para arrancar suspiros, atá-lo até ser trança. Ocupei como residência teu corpo que me abrigou, contrai o habito de ser feliz contigo. Honrei tua decisão de ser minha até me confundir, sem saber quem fui.

Diante da vida, te queria perpétua, tornei ilustre meu contentamento, fiz a festa, cumpri os planos, remontei os sonhos de infância, as penas as aparei no teu colo toda vez que acolhido fui.



RECORRO

Recorro, há muito dano, grandes os estragos, esta mania de inferiorizar-se pela esmola, a desconfiança é absoluta, por ali vão se perdidos os singulares afetos. Já não me importa mais guardar os atos praticados, tinha as mãos cheias de carícias incrustadas.

Por ti, meu amor existia mais em graças, mais no pudor e no recato. Depositado na espera do olhar, cansou de esperar pela resposta que faltava.

DIANTE DA VIDA II

Ocupei como residência teu corpo que me abrigo, contraí o habito de ser feliz contigo. Honrei tua decisão de ser minha até me confundir, sem saber quem fui, te queria perpétua; tornei ilustre meu contentamento, fiz a festa, cumpri os planos, remontei os sonhos de infância; as penas, aparei no teu colo toda vez que acolhido fui. Tenho as mãos cheias de carícias, cuidadosamente preservadas, incrustradas de tatuagens. Por ti, meu amor existe más nas graças, mais no pudor e no recato.



ALGO

Essa voz acalmará e criará um otimismo para misturar o amor com o desejo lícito de levar ao fim algo decididamente feliz.

PALAVRAS

Fala-me com tuas palavras, a tua maneira, esses sentimentos tão estranhos, que nos fazem conversar sozinhos, pronunciam palavras no vazio, fazem sonhar, concedem, alimentam aos sustos e aos lugares onde se fala a verdade, quantas coisas elas vão falando, recuperam os recorridos na cidade, nos intocados corpos, falam na volta, na ida, contam tudo, guardam dizendo saber o suficiente para falar com desassombro, atando as pontas, atinentes às descobertas, ainda que nada descubram dos mistérios, abafam o silêncio, falseiam tudo em nome do amor, palavras que inventam um querer eterno, falsificam o tempo, a aparência, deixam de acudir aos próprios cuidados, desesperam, discursam, tornam familiar o estranho que se inaugura sem avisos, pronunciam planos e promessas, aspiram o sal da vida, o cheiro dos indícios que levam ao caminho dos sítios mais cômodos e das camas mais alegres. Palavras que sentem os interesses particulares, que levam a fazer coisas comuns.

FALTAM PROMESSAS

Falta a promessa que não fiz, falta o assombro que me sobra, falta não acertar o passo e falecer no meio do caminho sem avisos, sem que se espere, sem que o saibam, e que todas as minhas tentativas suspendam as suficiências e o esperado. Onde me falte juízo, as probidades cobrirão com esforços a ruína.



COISA DE ENAMORADOS

Coisas de enamorados, voar sem asas, sonhar sem bases, inventar com coragem, validar tentações, conquistar por paciência, reverter dores em saberes, criar oportunidades. Coisas de enamorados. Bom-dia todos os dias, boas noites todas as noites antes que terminem.

DEPOIS DA PARTIDA

Como ficou teu olhar depois da partida? Teus encantos, tuas mágoas? Teus encantos gemidos no coração partido, cantos onde desaguam emoções acolhidas.



PRIMEIRO AFETO

Beijando de verdade senti algo estranho, uma incontinência, uma espécie de compulsão beirando lo radical, uma estúpida saudade impregnada saiu de dentro de mim, escapando de alguma gaveta, sufocada pela permanência e pelo tempo do esquecimento. Descobriu-me repetido em cotidianos, tendo rasgado o calendário, rompeu reativando o afeto primeiro, original, intacto.

DOIS VULTOS

Como dois vultos galopavam a alguma distância, encaminhando-se para a orla do arco-iris, ostentavam capas novas, como livros inaugurados, nas últimas curvas viraram pássaros despertando festivamente o canto da madrugada.



FLUTUO

Forcejei contra o mar e o vento, nunca contra a corrente em sinal de respeito a minha vulnerabilidade e a força da natureza. Flutuo nas marés como se dançasse folias, tenho preciosas memórias agasalhando terra firme, a coragem desafiando distâncias, a cata de segurança. Procuro onde se recolhem as sereias quando decidem esperar.

QUEM AMA OS ABISMOS

Quem, apenas com dedicação, conseguiu, alguma vez motivar alguém apegado a uma servil devoção ao pessimismo? Mesmo diante de milagres não se sai bem aquele que reitera tentativas infrutíferas. Quem vive das descrenças, de arrancar pedaços das esperanças, se comove com angústias e ameaças desprezando descobrir outros lugares fora dos abismos, pois isso seria pedir demasiado a quem cultiva e carrega uma constante expectativa, reiterando ameaças de fracassos.



MANTER A DISTÂNCIA

Não consigo manter a distância que me separa de ti, se faz necessário que quem justamente respondesse porque gastados todos os sentidos não haveria nada mais a perguntar e muito menos a responder. A falta de talento começa a assumir o protagonismo do desgaste. Perdidos em tentativas inúteis já nos falamos todas as novidades, os abraços perdidos não se apegam mais a nenhum ficar.

NUMA RECLUSÃO

Deitado no fundo do quarto, numa reclusão constrangida por uma falta de vontade de levantar, vi-me navegando como mediador entre tuas infindáveis viagens que duelavam com as minhas rotinas. Implantei um feixe de paciências para tolerar a milhagem por ti percorrida. De vez em quando paravas para pensar. Depois de um dilatado silêncio, sonhavas com um lugar que não mais existe. Ainda não descobristes que a satisfação só começa depois de parar de fugir como expatriada, exilando-se. Não se pode ser banido da sua própria vida.



AS VEZES

As vezes te perco de vista, não mais encontro o rosto que me sorria, a veste que me mergulhava no encanto, na densidade dos afetos que sobem forte como sabor antigo. As vezes entre faltas, minha vontade te faz voltar nas noites impregnadas de saudades descontinuadas.

Roberto Curi Hallal

